

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A espera do salvador: as biografias do marechal Henrique Teixeira Lott

Karla Carloni*

Resumo: O presente trabalho pretende traçar a memória construída em torno do Marechal Henrique Teixeira Lott, a partir da análise das obras que tentaram retratar, em diferentes épocas, a trajetória desse importante personagem na história política-militar do Brasil. As biografias foram divididas em três temporalidades relevantes para a história recente do país: a candidatura à presidência da República (1960), o Regime Militar e o atual período democrático.

Palavras-chave: Marechal Henrique Lott; história política-militar; biografia; memória.

Abstract: The present work intends to describe the constructed memory about Marshal Henrique Teixeira Lott analyzing the works that tried to depict this important character path in the Brazilian political-military history, in different periods. The biographies were divided into three relevant temporalities for the recent history of the country: the candidacy to the Republic presidency (1960), the Military Regime and the recent democratic period.

Key-words: Marshal Henrique Lott; political-military history; biography; memory.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise das biografias já escritas sobre o marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, importante personagem da história política brasileira nas décadas de 1950 e 1960. Perfazendo o total de cinco publicações, serão analisadas as seguintes obras: SENNA, Milton. *Como não se faz um presidente*. RJ: Edições Gernasa, 1968; SALOMÃO, Jorge. *A vida do Marechal Lott: a espada a serviço da lei*. SP: EDIGRAF, 1960; CASTRO, Viriato de. *Espada x Vassoura: Marechal Lott*. SP: Palácio do Livro, 1959; COSTA, Joffre Gomes da. *Marechal Henrique Lott*. RJ: s/ed, 1960; e WILLIAM, Wagner. *O soldado absoluto: uma biografia do marechal Henrique Teixeira Lott*. RJ/SP: Record, 2005.

* Doutoranda no PPHS da Universidade Federal Fluminense.

As obras foram divididas em temporalidades relevantes para a construção da memória social em torno do marechal Lott e para a história recente do Brasil: 1º- a candidatura à presidência da República, pela coligação PSD-PTB, em 1960; 2º- Regime Militar; 3º- atual período democrático.

O estudo proposto não tem a preocupação de averiguar a veracidade dos fatos apresentados em cada obra, nem recolher informações sobre o biografado. O objetivo é perceber como foi construída a memória em torno do personagem político, quais são os argumentos e recursos utilizados pelos autores, perceber os usos políticos dessa memória e como a sua construção reflete o imaginário político da sociedade brasileira.

Estudar o imaginário político de uma sociedade implica em considerar os seus mitos, assim se justifica a proposta de reler as biografias escritas sobre o marechal. Nesse empreendimento percebemos a recorrência, com a exceção da obra de Viriato de Castro, da tentativa de construção de um mito político – o herói predestinado a salvar a nação. Se Lott não foi escolhido pelo povo para governar o país nas eleições presidenciais de 1960, porém, o discurso em torno de sua candidatura, as justificativas para a sua derrota e a memória que permanece sobre esse polêmico personagem refletem uma sociedade a espera do líder providencial.

I – Eleições presidências de 1960: a construção de um mito.

Ministro da Guerra do governo Juscelino Kubitschek (1956-1960), Henrique Teixeira Lott, tornou-se famoso nos meios políticos nacionais com o contra-golpe de 11 de Novembro de 1955. A ruptura sem precedentes na trajetória político-militar do “general caxias” o jogou no centro dos acontecimentos políticos do país e fez dele um importante símbolo da luta nacionalista das esquerdas políticas do momento. Evocado por nacionalistas de várias correntes partidárias e por militares que acreditavam em um país economicamente independente, Lott era igualmente execrado pela UDN e pelos setores conservadores das Forças Armadas. No auge de sua popularidade, o “marechal do povo aceitou os apelos para a sua candidatura para presidente da República no pleito eleitoral que se realizaria em outubro de 1960. Lott compôs chapa com João Goulart na dobradinha PSD-PTB. Repetia-se a fórmula partidária de 1955.

Nesse momento foram lançadas três biografias sobre o marechal, todas compromissadas em traçar o perfil daquele que poderia guiar a nação nos próximos anos. Para Salomão Jorge e Joffre Gomes da Costa, Lott deveria figurar na galeria dos heróis da nação, já Viriato de Castro, tinha uma missão contrária, seu objetivo era desmoralizar o candidato lhe

atribuindo fraquezas morais. Iniciemos pelas obras compromissadas em construir a imagem do marechal como reserva moral da nação.

O livro escrito por Salomão Jorge, *A vida do Marechal Lott*, data de 1960, pretende-se uma biografia do marechal e foi construído de forma a justificar porque o militar seria a melhor escolha para o governo do país. Historicamente podemos afirmar que o autor registrou no papel a tentativa de construção de um novo mito político no interior da sociedade brasileira.

No livro de Salomão Jorge, os episódios e as escolhas feitas pelo marechal na sua infância e juventude são descritos de forma a justificar as ações da maturidade e a sua trajetória é apresentada ao leitor com a “ajuda” de exemplos de grandes vultos da história nacional: Tiradentes, Felipe dos Santos, Rui Barbosa, Barão de Rio Branco, Duque de Caxias, Pinheiro Machado, Getúlio Vargas... A narrativa se constrói com a preocupação de demonstrar que todos esses personagens estão inseridos no panteão dos homens que de alguma forma lutaram pela pátria brasileira – defenderam a soberania e a independência política e econômica da nação – e que as suas lições estão presentes na vida e na memória do marechal. Subtende-se que a vida de Lott seria a continuidade e o amadurecimento da trajetória desses ilustres representantes da pátria, personagens que o militar havia estudado ainda menino. Porém, seria Duque de Caxias, o herói militar pacificador e ordeiro, o grande mestre e exemplo do novo redentor da pátria.

Para Salomão Jorge a vida de Lott com seus rígidos hábitos e regras, refletiam o homem correto, incorruptível, regrado e avesso a desordens na vida pessoal e pública, concluindo-se daí o seu apreço pela legalidade e pela democracia e a aversão a qualquer tipo de revolução – “sempre se revelou inimigo de todas as revoluções”. Era o soldado a serviço da sua pátria, não um político qualquer disposto a vencer as eleições por vaidade ou sede de poder, sua vida política era sinônimo de sacrifício e dever militar. Por fim, governo de Lott constituir-se-ia em legítima continuação do governo do mineiro JK.

A segunda biografia publicada no ano de 1960, *Marechal Henrique Lott*, foi escrita por um militar, major Joffre Gomes da Costa, e como a obra de Salomão Jorge é elemento da campanha eleitoral rumo a presidência. Sem dúvida é a obra mais detalhada e documentada feita no período – um verdadeiro acúmulo de episódios, praticamente uma história da família Lott.

Major Joffre, foi subordinado direto de Lott, quando este ainda era tenente-coronel, em 1940, e montou um verdadeiro épico ao escrever sobre o biografado. Com uma concepção

positivista de história, alia o extremo cuidado com as fontes históricas à pesquisa de grande fôlego.

O discurso construído pelo major faz coro com a obra de Salomão Jorge. É a tentativa de construção do herói político. Lott desde de sua infância estaria predestinado a servir a pátria e a sua vida serviria de exemplo para os demais compatriotas. Novamente encontramos a idéia do soldado puro que agiu em nome do dever de servir a sua pátria: “O Ministério da Guerra, veio ter às mãos do Marechal por obra e graça do destino. Jamais cogitaria desse cargo. Aí tem começo a sua predestinação” (COSTA, 1960: 27).

A candidatura à presidência da República também era um dever cívico e mais uma etapa de sua predestinação: “o Marechal Lott vem guiado por uma estrela desde o alvorecer da sua vida de menino humilde. Para bem do nosso povo sua luz há de guiá-lo no caminho do Palácio da Alvorada. Será mais uma vez a força do predestino” (COSTA, 1960: 27).

Como última biografia do período de candidatura à presidência da República temos a antagônica obra de Viriato de Castro, *Espada x Vassoura: Marechal Lott*, publicada em 1959, um ano antes das duas biografias já citadas. Viriato tem clara pretensão de valorizar o candidato udenista, Jânio Quadros, e desmoralizar o candidato da coligação PSD-PTB.

A biografia, tal como as outras, pretende fazer uma descrição factual da vida do marechal confirmando o seu caráter apolítico e legalista, no entanto vai além ao questionar: por que Lott, a partir do episódio de novembro de 1955, passou a ser destacado ator na política nacional? Como se deu e quais foram os motivos para essa ruptura? O questionamento é pertinente até hoje, mas infelizmente a reflexão apresentada por Viriato é limitada, condiz apenas com o juízo de valor que o autor faz do biografado e com o seu compromisso em desmoralizá-lo.

Lott, como qualquer personalidade política, não era unânime e Viriato de Castro fez questão de demonstrar isso, chegando a publicar em seu livro duas poesias satíricas e combativas do consagrado literato Manuel Bandeira sobre Lott: *Letras para uma Marcha e A espada de ouro* (CASTRO, 1959: 52-53).

Retornando as obras de Salomão Jorge e de Joffre Gomes da Costa, verificamos, como já constatado, a construção de um discurso que atribui ao marechal Lott o caráter mitológico de personagem heróico predestinado a governar sob o signo do nacionalismo, da legalidade e do civismo militar. Essas atribuições faziam parte do imaginário nacionalista da época e eram evocados em um momento de desafio. A sociedade brasileira saía do primeiro governo eleito após a grave crise de agosto de 1954 e agora tinha que escolher o sucessor de

JK. Esperava-se aquele que deveria dar continuidade à suposta fase de prosperidade iniciada pelo construtor de Brasília.

Pode-se dizer que são nos momentos de desafio, onde as sociedades são compelidas a achar soluções para os seus problemas, que os mitos políticos tomam vulto e se concretizam em imagens. Pois, tal como ocorre nas sociedades tradicionais, “se a razão nos abandona, resta sempre a *ultima ratio*, o poder do miraculoso e do misterioso” (CASSIRER, 2003: 323). Mas, diferentemente do que ocorre nos mitos tradicionais, o homem contemporâneo tende a resistir ao fantástico e reveste o mito com a roupagem da razão, são criadas teorias e discursos justificando e legitimando a crença.

Lott, para os seus dois biógrafos era a concretização dos anseios da nação e as narrativas por eles construídas estão comprometidas em racionalizar e justificar, através da utilização da história nacional e seus personagens, a escolha do marechal. O candidato à presidência deveria figurar como um novo Caxias para sociedade brasileira, o homem do Exército que representava a ordem e a obediência às instituições republicanas.

Na perspectiva de Raoul Girardet o número de construções mitológicas produzidas pelo homem é limitado e reencontramos os mesmos mitos em diferentes épocas em diferentes sociedades, transvestidos pelo sistema de imagem de cada realidade histórica específica. Seguindo essa orientação, podemos encaixar, respeitando as devidas particularidades, o herói registrado por Salomão Jorge e por Joffre Gomes, no modelo de Cincinnatus¹, ou seja, herói pelo passado:

[...] um velho homem, que se tornou ilustre em outros tempos nos trabalhos da paz ou da guerra. Exerceu com honra altos cargos, grandes comandos, depois escolheu um retiro modesto, longe dos tumultos da vida pública [...] a angústia de todo um povo bruscamente confrontado com a desgraça o chama ou o traz de volta à frente do Estado [...] sua tarefa é apaziguar, proteger, restaurar (GIRADET, 1987:73-74).

Lott já havia contribuído em tempos passados para a sua nação, tanto como militar de carreira exemplar, quanto como ministro da Guerra, em 1955. Em 1960 ele era novamente evocado a abandonar a sua vida pessoal e assumir a direção do Estado, com o dever de construir um governo comprometido com as aspirações nacionalistas.

II- Derrota nas urnas: o salvador não foi reconhecido pela multidão.

Lott não venceu as eleições presidenciais de 1960. Finalmente a UDN chegara ao poder depois de amargurar sucessivas derrotas eleitorais e articulações golpistas. Mas, o que

¹ Lucius Quincius Cincinnatus (519-439 a.C.) foi general, cônsul e ditador romano.

continua a nos interessar é a construção da memória em torno do “marechal do povo” por parte de seus biógrafos.

O nosso quarto autor é Milton Senna, jornalista dos *Diários Associados* que cobriu, junto a outros jornalistas, a campanha de Lott pelo Brasil. O seu livro, *Como não se faz um presidente*, é o registro do trabalho como correspondente eleitoral e nele estão os principais discursos e as matérias jornalísticas que informavam o “dia-a-dia do candidato”.

Milton Senna publicou o seu livro no início da fase mais radical do Regime Militar, 1968. O resgate da memória do marechal parece ao mesmo tempo uma censura à sociedade brasileira que elegera Jânio Quadros, o que, para o autor, abriu espaço para a instauração do regime militar, e acalanto em meio à tempestade. O livro evocava um chefe militar antagônico ao quadro de horror que começava a ser pintado por seus companheiros de farda.

Nas palavras de Milton Senna a campanha eleitoral do marechal adquire um caráter missionário, uma verdadeira “pregação cívica” que permitiu que o candidato corre-se o país revelando a “pureza de seus ideais e a integridade de sua conduta cívica” (SENNA, 1968: 36). Retorno do velho marechal ao mundo político seria resposta aos clamores do povo e obrigação para com a sua pátria. O marechal ao aceitar a sua candidatura teria feito por dever cívico – saíra do recolhimento do seu lar para ajudar a solucionar a crise política que vivia a nação. Confirmamos o mito de Cincinnatus, era o retorno daquele que nunca foi político e aceitara o fato como mais um dever para com a sua nação.

O imaginário cristão se faz presente para dar sentido a derrota eleitoral que supostamente teria levado o país à uma fase de trevas – era o Salvador em meio a bestas heréticas. Tal como o maior mártir do ocidente, Jesus Cristo, Lott não foi reconhecido pela multidão, sendo hostilizado e condenado pelos representantes de seu povo:

[...] foi arrastado à praça pública por uma série de circunstâncias, como um cristão atirado as feras, depois de passar toda a sua vida recluso nos quartéis [...] apesar de sentir-se atraído, de ser caluniado e ridicularizado, nem por isso deixou de dar a sua contribuição, mais uma vez, à luta pela libertação econômica de seu povo [...]. (SENNA, 1968:32)

Contudo, relembrar Lott em 1969, tal como fez Milton Senna, parece ser uma tentativa de encontrar um feixe de esperança em meio a opressão do Regime Militar.

Na década de 1970, um boato, que para muitos ainda é verdade, tomou conta do país: o marechal Lott, que a muito já estava recolhido do mundo político, ao saber que seu neto Nelson, filho de Edna Lott, estava preso e sendo torturado dentro de um quartel do Exército, vestiu seu uniforme e saiu em busca do torturador, que, ao ser localizado foi morto por um tiro certo do nosso herói. Esse episódio que ainda repercute na memória de muitos

que viveram o Regime Militar foi amplamente investigado e desmentido pelo jornalista Wagner William, que publicou a mais recente biografia sobre o marechal (WILLIAN, 2005).

A narrativa de Milton Sena parece se encaixar na mesma lógica desse boato – um herói do passado evocado em tempos de trevas. Diante dessa memória, que ainda permanece forte, o historiador deve se perguntar: por que esse mito foi construído?

Na década de 1970 a sociedade brasileira vivia sob o recrudescimento do regime militar. Censura e terror passaram a fazer parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras que assistiam os seus filhos e netos desaparecerem e pereceram nos “porões da ditadura”. Era um período difícil – justamente aqueles que deveriam preservar a integridade do país e de seus habitantes, torturavam e assassinavam os filhos dissidentes da classe média. A perplexidade tomou conta daqueles que ainda acreditavam nas Forças Armadas como sinônimo de nacionalismo e honradez e poucos passaram do estado de perplexidade para desesperada luta na busca dos entes queridos.

Foi na ordem das representações sociais que parte da sociedade brasileira buscou um pouco de conforto. Nosso Cincinnatus fora evocado outra vez. A publicação de Milton Sena e o boato do assassinado do torturador representavam o que parte da sociedade desejava: livrar seus filhos das prisões e vingar suas torturas. Indo além, o feixe de esperança aparecia no interior das próprias Forças Armadas. No meio das trevas havia luz, ou seja, ainda havia militares dignos de sua farda.

As imagens de um salvador associada à luz em meio as trevas, antes de compor a mitologia política do século XX, como sugeriu Girardet, é antes de tudo elemento de composição de algo bem mais enraizado na sociedade ocidental – a mitologia cristã. Alessandro Portelli, ao estudar a memória coletiva do massacre nazista em Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944), identificou na narração dos sobreviventes e de seus parentes imagens da martirologia cristã. O que nos interessa precisamente é um personagem presente no conjunto de relatos reunidos por Portelli: o soldado alemão que se recusou a participar do massacre, tal como um dos soldados romanos que se recusou a investir contra Jesus Cristo. O autor observa que a recorrência desse personagem não se faz somente nos relatos do massacre da pequena cidade italiana, mas está presente em relatos de outros momentos igualmente violentos e traumáticos. A explicação de Portelli é precisa e da conta das variações do mesmo tom: “O ponto central do mito, em todos os casos, é que quando a violência coletiva gera vítimas inocentes (Cristo, Trastuli, Ardeatina, Civitella), sempre existe

entre os assassinos, algo ou alguém que resiste. Talvez seja verdade, ou talvez apenas tenhamos necessidade de acreditar nisso” (PORTELLI, 2002: 123-124).

III – O marechal adentra o século XXI

Passados quase quatro décadas após o último livro publicado sobre o marechal Lott, o jornalista Wagner William publicou, em 2005, *O soldado absoluto: uma biografia do marechal Henrique Lott*. O autor revela grande cuidado ao reescrever a biografia do marechal. A apurada investigação e o uso de novas fontes possibilitaram a construção de uma biografia detalhada e com novas informações sobre a trajetória do militar. Encontramos, sem dúvida, um trabalho de qualidade e de rigor intelectual que contribui enormemente para o resgate da memória dessa importante personalidade política da História recente do Brasil. O autor foi contracorrente ao processo de esquecimento social imputado ao marechal e a sua trajetória política.

No que se refere à memória em torno de Lott pode-se apontar dois motivos que determinaram o quase esquecimento desse personagem: própria perseguição que os militares nacionalistas e os opositores ao Regime Militar sofreram por aqueles que assumiram o poder após o Golpe Civil-Militar de 1964; e da associação no imaginário social entre militares e truculência – fruto das arbitrariedades e brutalidades cometidas pelos mesmos durante a ditadura militar.

Apesar da indiscutível qualidade do trabalho de Wagner William e da objetividade imposta pelo autor, a obra não conseguiu fugir da construção da imagem do herói nacional compartilhada pelos antigos biógrafos do marechal. O mito da predestinação e da abnegação em nome da pátria, certamente de forma mais suave, reaparecem no texto. A narrativa descreve uma vida coerente em todas as suas escolhas, sem contradições ou equívocos. Fica subentendido o personagem justo, íntegro e dedicado à pátria que foi o marechal Lott.

Novamente os atributos de militar dedicado e disciplinado, além, de legalista, retornam a representar as melhores qualidades do nosso “soldado puro”. Mais uma vez a analogia ao herói Caxias é inevitável. Dos primeiros anos de vida até o último dia de existência, a vida do marechal só pode ser entendida a partir da predestinação do herói cívico: “O mistério Lott parecia ter um destino a cumprir desde o princípio: ser soldado, absolutamente um soldado” (WILLIAN, 2005: 495).

Tal como Milton Senna, Wagner William repete a profecia falida de que se o marechal Lott tivesse sido eleito presidente da República em 1960, a história do Brasil seria

outra. O Golpe Civil-Militar não mancharia a história nacional e o processo de modernização iniciado por JK teria continuidade.